

# Suplemento Cultural

## Obras de Dom Francisco de Aquino Corrêa

**RUBENIO MARCELO –  
SECRETÁRIO-GERAL DA ASL**

Por ocasião do lançamento do meu novo livro (Veleiros da Essência), esteve conosco em Campo Grande – vindo de Cuiabá especialmente para o nosso evento – o amigo acadêmico Eduardo Mahon, presidente da Academia Mato-Grossense de Letras (AML). E, dentre as lembranças cuiabanas a mim presenteadas (nesta visita) pelo ilustre confrade, um inestimável presente: a Coleção Completa das ‘Obras de Dom Francisco de Aquino Corrêa’ – edição especial de 1985 (comemorativa do Centenário de Nascimento deste que foi o segundo Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do IHGMT, do IHGSP, da AML e da Academia Brasileira de Letras).

Idealizada pela Academia Mato-Grossense de Letras (na então presidência de Lenine de Campos Póvoas) e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (na gestão de Luís Philippe Pereira Leite) e organizada pelo acadêmico Corsíndio Monteiro da Silva (da AML), a referida coleção (três volumes e oito tomos), impressa no centro gráfico do Senado Federal, é assim formada: - Volume I (três tomos): Poética de Dom Aquino (Odes, publicadas originariamente em 1917; Terra Natal, de 1919; e Nova et Vetera, de 1947); - Volume II (três tomos): Discursos de Dom Aquino; - Volume III (dois tomos): Cartas Pastorais de Dom Aquino. A edição traz apresentação do saudoso ensaísta e orador Pedro Calmon (antigo confrade de Dom Aquino na ABL), que assim afirma num trecho: “Eis o notável poeta, o orador magistral, o pastor inspirado, que não podia fazer no esquecimento a que se recolher no medíocres, mas tinha de ressuscitar na publicação dos inéditos, na reimpressão dos volumes esgotados, na reapresentação da lira harmoniosa, que deu com ele na Academia Brasileira – e o eleva à



Arcebispo Metropolitano de Cuiabá – Dom Francisco de Aquino Corrêa, ilustre poeta/escritor, membro da ABL

categoria máxima dos vates patricios”.

As Odes Poéticas de Dom Aquino são enfeixadas, nesta Coleção, em três partes:

“Psalmódias”, “Melodias” e “Rapsódias”. Em ‘Terra Natal’, temos poemas sobre o seu Estado (versos a Mato Grosso), com enfoque para a natureza, cidades, vultos e feitos históricos, tradições etc. Já em ‘Nova et Vetera’ (poesias novas e velhas) figuram versos considerados novos à época (“Versos de Agora”) e outros timbrados como antigos (“Versos de Outrora”).

No tocante aos Discursos de Dom Aquino, temos 85 peças nos três tomos da Coleção, inclusive a sua emblemática oração de posse na Academia Brasileira de Letras (em 30 de novembro de 1927), que se inicia assim: “Triste e paradoxal condição é, de quem entra para a imortalidade das academias, depararem-se-lhe, desde logo, os troféus da morte, no vestibulo desses olímpicos terrestres, onde se não devesse respirar, senão o perfume das coisas eternas, como as ambrosias, os néctares e os louros. Assim é também hoje, neste salão azul, cor das atmosferas siderais, em que vejo cintilar, na doce atração dos afetos superiores, a mais formosa constelação de intelectuais da minha pátria, lembrando-me o verso sagrado do florentino: Luce intellectual piena d’amore!”.

E as Cartas Pastorais de Dom Aquino (produções de 1922 a 1954) compendiam registros autorais intitulados: “Testamento do Vosso Arcebispo”, “O

“

“No tocante aos Discursos de Dom Aquino, temos 85 peças nos três tomos da Coleção, inclusive a sua emblemática oração de posse na Academia Brasileira de Letras (em 30 de novembro de 1927).”

Bispo Auxiliar do Vosso Arcebispo”, “O Congresso Eucarístico de Cuiabá” e “Maria ou Morte”.

Relembrando a oratória de Dom Aquino Corrêa, o crítico Medeiros e Albuquerque asseverou: “Não se perde uma sílaba de tudo o que ele diz – é um orador perfeito”. Sobre a arte literária do inesquecível Arcebispo cuiabano, disse o escritor Antônio de Arruda: “Sua literatura foi semelhante à sua vida: fidalga, acolhedora, idealista, sábia”. E acerca da sua verve poética, assim afirmou o acadêmico José de Mesquita: “Poeta, mais que tudo, Dom Aquino o foi; e, dos atributos que possuiu, enobrecedores e altíssimos, foi este o que constituiu o seu mais lúdimo padrão de glória”.

Último de quatro irmãos, Francisco de Aquino Corrêa nasceu em Cuiabá/MT, em 2 de abril de 1885 (uma Quinta-Feira Santa), e desde cedo revelou sublime inteligência, dedicação aos estudos e pendor religioso. Homem de Deus e da Pátria, faleceu em São Paulo em 22 de março de 1956. Após a morte, Dom Aquino foi assim definido, em oração, pelo seu sucessor, Dom Orlando Chaves: “Foi um gênio e foi um santo”.

## NOS CAMINHOS DO BONDE

**ELIZABETH FONSECA**

Tive a imensa felicidade de percorrer nos caminhos do Bonde, ou melhor, do Bondinho. É fascinante e retrospectivo andar de bondinho pela cidade, apreciar lugares históricos, imaginar a vida das pessoas que ali viveram na época dos “anos loucos”; os rapazes com seus trajes embonecados, calça afunilada, casaco curto, ajustados ao corpo, e as moças com cortes de cabelo “à lá Chanel” traziam no sorriso maroto todo o frescor da época, com vestidos de cintura baixa exibindo faceiras suas panturrilhas. Deixando no ar uma atmosfera de muito charme.

Imaginar que a primeira linha do Bondinho paulista, em 1871, ele era puxado por burros – do trecho Centro – Praia do Boqueirão... E só foi modernizado em 1909 pelo sistema elétrico, ligando o centro da cidade de Santos à primeira cidade do Brasil, que é São Vicente.

O nome Bonde vem de uma interessante denominação; vem de cautela das apólices de empréstimos contraídos no século XIX com a Grã-Bretanha, tendo como garantia a emissão de bonds (“bônus”, “debêntures”, “títulos a receber”), e explorada pela empresa Botanical Garden Railroad. A emissão de cupons que serviam de bilhetes com a palavra “Bond” estampada, e exibia a figura do veículo, e logo a palavra Bond tanto pronunciada virou Bonde, e o veículo também, que ficou charmoso e carinhoso na pronúncia.

A cada época o seu valor, a sua conquista, e havia de caminhar nos trilhos, olhar nas vagas longínquas o que vinha de lá do outro lado do mar, e sonhar ser qual a Europa, cheia de encantos, e colocar o Brasil em destaque no mundo. Era devido manter um padrão de luxo, serem barões, e saber que um dia a vida leva tudo, como navios que partem depois de abastecidos.

Mas voltando ao passeio, tomamos

o Bondinho escocês de 1911, na Praça Mauá, para um tour pela cidade de Santos. A sensação era de ter voltado no tempo; condutores com uniformes em tom Caques, junto com seus Quepes, o tímpano anunciando a partida, a guia contando histórias dos lugares percorridos pelos caminhos do Bonde... Palácios, igrejas, Outeiro, alfândega, e muito mais. Em tudo a presença de ilustres personagens de nossa história, cravada nos rococós, ostentada nos imponentes casarões que através de seus vitrais, arestas, veem-se um Brasil a exemplo da Europa; prédios arquitetados em estilo eclético, azulejos portugueses, e preservados para que a história não fique submersa.

Posso ainda imaginar quantos romances na fantasia de um bonde... Moças graciosas, moços bonitos de cabelos bem penteados fazendo a corte, e os mais cuidadosos com suas almofadinhas levadas para suportarem o banco duro do Bondinho... Daí o termo “almofadinha”. E quantos encontros teriam sido marcados no bonde!... Ou ainda aquelas que ficavam vendo o bonde passar, para apenas fletar com os passageiros, o que lembra a música de autoria de Ramos Cotoco: “Na rua onde o bonde passa/ Moça não pode engordar/ Não trabalha, não faz nada,/ leva a vida em namorar./ Se o bonde passa, estão na janela/ se o bonde volta, inda estão elas,/ namoram todos, é um horror,/ os passageiros e condutor./ Conheço umas que moram,/ onde o bonde não passa,/ que dizem fazendo troça,/ esta rua é uma desgraça”.

O Bonde também trás ditos populares como: “pegou o bonde andando”; para aqueles que entram no meio de uma conversa sem saber do assunto, “tomar o bonde errado”; se dar mal, ou ainda “comprar um bonde” – fazer mau negócio, ser ludibriado.

O brasileiro é criativo mesmo!... Merece um bonde!

## POESIA

**BEDUÍNA**

*Trazes na luz  
Dos teus grandes olhos negros,  
Crepúsculos  
E romances de amor ardente.  
No teu corpo moreno  
- Ânfora da vida,  
Há a placidez lasciva do Nilo...  
Teus seios têm a beleza  
E a maciez das dunas do deserto  
Ao nascer das arvoradas.*

*Teu beijo de mulher oriental,  
Tem sabor de tâmaras  
Colhidas no frescor das noites.  
Nos teus róseos lábios,  
Onde moram as luzes das auroras,  
Sorvo o doce licor  
E me embriago nos sonhos de ventura.*

*Por Alá  
- Com Ele todo poder e glória,  
Tu seguirás o meu destino.  
Armaremos nossa tenda  
Em outras terras  
E seremos venturosos.  
Não serei mais nômade,  
Pois, tu és o oásis da minha salvação!*

HUGO PEREIRA DO VALÉ

## Reviro

**HELIO SEREJO**

Comidita de várias iguarias, misturadas com o resto da tamiú do dia ou do anterior.

Se a mistura é feita somente de milho e feijão, o grude tem o nome de cajarê-comandá. Se azedou pelo excesso de calor, fica sendo yacaruyvaí.

Quando está dura mesmo de engolir, o homem do erval, no seu apurado espírito satírico, lhe dá o nome de yaguá-tembiú; mas fazendo cara feia manda-a para o bucho porque sabe que para llorar hay tiempo, e o que no hay mimo, é tempo para se perder.

Deglutina tudo, avidamente, sorve longos goles de água, apanha o machete filoso, e, pegando o pique estreito da mata, marcha para as erveiras, em busca do tini.

O reviro, comida dormida ou não, é o verdadeiro alimento da raça primitiva.

A combinação de vários elementos, torna-o forte e substancial.

Se lhe agrega um “poquito” de palmito, então, a coisa fica macanuda de verdade, e o homem, assim alimentado, resiste à brabeza da luta, até as horas do anoitecer.

Com um simples guaicuru, e num sapuaitê, tudo fica pronto, e o kuimbaé está listo para ir namorar e se envaidecer com a caáguara.

No reviro, como, também, no lôcro, nós encontramos, sempre, a rude alma nativa e o perfil gauchesco dos bravos peões de todas as ranchadas ervateiras e das estâncias crioulas, que enfeitam o gigantesco palco da natureza sábia e caprichosa.

Mas o peão da fronteira, que também arranha o guarani, sabe que reviro-cunhá, significa, na linguagem brejeira dos ervais: misturar-se com a mulher, ‘juntar os baxeiros’ com ela, para uma noite de carícia e amor!...

E é este, o reviro que ele mais aprecia quando sai para farrear um pouco, e joga para um canto, o facão guaçu e o laço Pará, bem trançado...

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CHÁ ACADÊMICO COM ‘ENFOQUE DA LITERATURA UNIVERSAL’ – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), tem o prazer de convidar seus

membros e amigos para a “Nova Dinâmica do Chá Acadêmico”, que acontecerá no próximo dia 26/06 (quinta-feira), às 19 horas, na sede da ACP (Rua 7 de Setembro, subesquina com a Rua Rui Barbosa – centro). Na

ocasião será ministrada, pelo renomado advogado e vice-presidente da ASL, acadêmico Abrão Razuk, uma concisa palestra sobre o relevante tema “Enfoque da Literatura Universal”. Interessados serão bem-vindos.